

Chumbo trocado  
*e outras histórias*

AMOSTRA

AMOSTRA

Chumbo trocado  
*e outras histórias*

Ana Claudia Marques

AMOSTRA



MINOTAURO

# Chumbo trocado e outras histórias

Copyright © 2025 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Ana Claudia Marques.

ISBN: 978-65-6143-019-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M315c

1.ed. Marques, Ana Claudia  
Chumbo trocado e outras histórias / Ana  
Claudia Marques. – 1.ed. – Rio de  
Janeiro : Minotauro, 2025.  
112 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-6143-019-7

1. Contos brasileiros. 2. Sentimentos.  
I. Histórias - Coletâneas. I. Título.

11-2024/32

CDD B869.3

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

**Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Aceso o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

## Grupo Editorial Alta Books

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Marco Pace

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutùs

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Assistente Editorial:** Andreza Moraes

**Revisão:** Daboit Textos

**Diagramação:** Daboit Textos e Palestras Ltda.

**Concepção Gráfica:** Eduardo Faria/Officio



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



**alor**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
EDITORES INDEPENDENTES

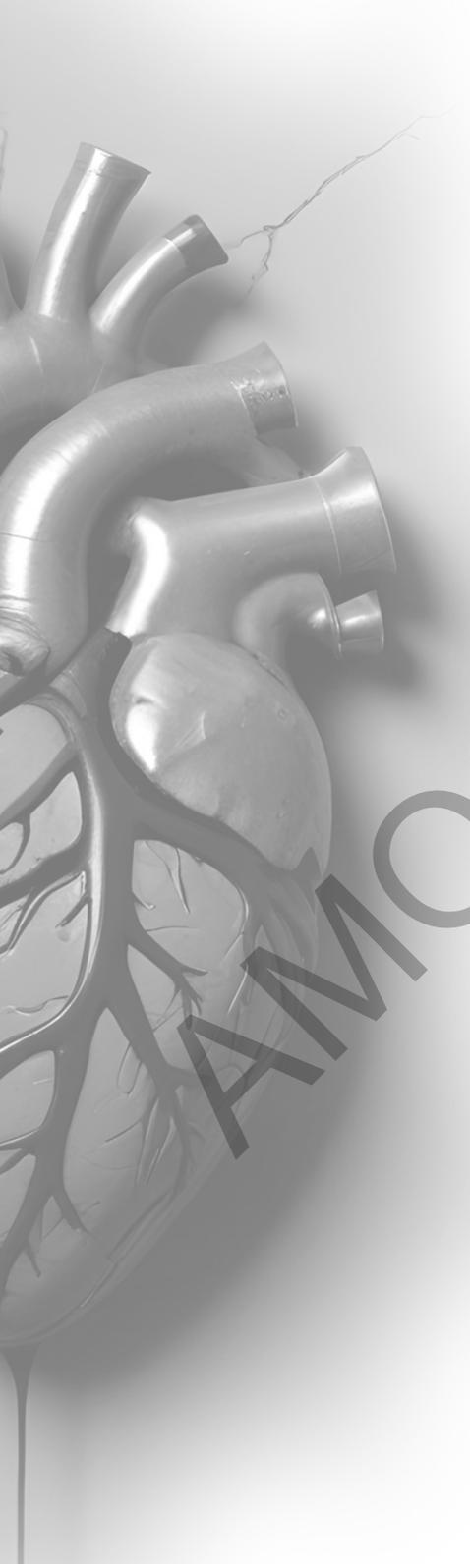
ASSOCIADO



Editora  
afiliada à:

AMOSTRA

*Dormimos e nos banhamos quase nus.  
Só não tiramos nossas máscaras.*



## Sumário

- 9 Chumbo Trocado  
11 Fuga em Lá menor  
13 O Piano  
17 Sujeito Oculto  
20 Confissão  
23 Diálogo  
25 Don Juan  
28 Saco de ossos  
31 O Idílio  
35 Amarração  
38 Vocação para amar  
42 Dez minutos  
46 Velas  
49 Bolero  
51 Dona Sinhá  
56 Orgulho  
58 Proibido  
60 Conquista  
62 De outonos e primaveras  
64 Caído

66	Solilóquio
70	Feliz para sempre
72	Ferida
74	Lúcida
77	Teu jogo
79	Tango
80	Pele
82	A bailar
84	Quantas voltas têm que dar o amor?
86	Promessas
88	Viagem e paisagem
90	Carnaval
92	Há de se tocar somente como os olhos
95	De repente
97	Sapatos
100	Monólogo
102	Mantra
106	Oriental
109	Dona Branquinha

AMOSTRA

## Chumbo Trocado

Sentado ao pé da cama. O corpo estático.

Boquiaberto e quase sem respirar. Ouvia – sem entender – o discurso de sua mulher. No quarto ao lado, os filhos – ainda pequenos – dormiam, na inocência que lhes cabia como crianças.

Encolhia-se no seu lado da cama.

Num sem voz perturbado, balbuciava palavras imprecisas ao marido, que escutava suas confissões, pasmo.

Contrita, vertia seus atos sadicamente, a recordava-se do outro, que explorava sua pele em horas escusas.

Entre soluços, justificava: “você não me dava mais atenção...” – secava os olhos com o dorso da mão – “...ele sabia que eu existia, me elogiava...” – fazia uma pausa, e continuava em seu balbucio.

Ele a mediu de cima a baixo, fez uma expressão de desprezo e falou, baixo e entredentes:

– Não sei o que é pior: ser traído ou ouvir tua confissão...

– Você não entende... a gente estava tão distante, foi difícil pra mim... – Ela voltou a fungar e amassar a ponta do lençol com as mãos – mas eu quero consertar tudo isto, não vê?

– Se queria consertar, era melhor eu não ter sabido!

Levantou-se da cama.

Irado com a discussão, foi buscar água para esfriar a cabeça. A imaginou com o outro. “Cara safado”, pensou.

Voltando ao quarto, a mulher já era outra. Seus olhos – gata no cio – o apalpavam de longe. As alças da camisola escorregavam pelos ombros, com displicência – ali, o contorno dos seios.

Excitou-se. Gostava daquele jogo. E ela estava ali, para ele.

Arrancou-lhe a camisola – estava irresistível – ela gemeu e o enlaçou com as pernas. Seu ato penitencial.

No dia seguinte, olhares apimentados quebravam a rotina – indiferentes a inocência dos filhos. Beijaram-se antes de sair.

A esposa, com a alma lavada pela confissão, e sentindo-se ferver ao lembrar da noite memorável, pegou o celular e ligou para o amante: “que tal agora de manhã, mesmo lugar, mesma hora?”

O marido, fiel aos seus hábitos, ligou para a amiga dela, já a caminho do escritório: “e aí, meu bem, hoje, na hora do almoço, na tua casa. Tudo bem?”

## Fuga em Lá menor

O silêncio.

Fruto de palavras cortantes, proferidas a tantos que fizeram de diálogos, monólogos. Amizades que acabaram, amores que recrudesceram, desertos em si mesmos. Fartos de não serem cuidados.

E o telefone.

Irritante. Morto. A lhe lembrar: você não importa para ninguém. O diapasão no toque do aparelho, a lhe lembrar a nota lá do piano.

Como sua vida.

Partitura monocórdica. Em cada compasso, pausas. E a solidão a lhe pesar no corpo, doer os ombros, caídos para frente, sem forças para se sustentar.

Saiu às ruas.

Mais uma vez, aventurar-se a sorrir. Máscara aziaga, rictus. O ritmo das buzinas, freadas e motores lhe devolviam a sensação de normalidade. Um ou outro passageiro sorria de volta, e ela então tinha a sensação de existir.

Voltou à casa.

Velha moradia, parda, suja, puída. Sentou-se ao piano, e ainda acesa de existir, vomitou sua alma, em sons pesados,

graves, urgentes. Freneticamente transpôs para a partitura aquela avalanche de sons.

Infinitamente vazia, abandonou o piano.

Um ímpeto então a sacudiu. Quis gritar, mas já não se sabia voz. Abraçou-se, corpo balançando para frente e para trás, ritmicamente, rangendo os dentes, enquanto lhe subia a fúria pelas pernas, ventre, braços, mãos.

Quebrou o telefone contra a parede. Espatifou as cadeiras velhas contra o piano. Tremia, convulsa, e desabou no chão, rosto entre as mãos, choro largado.

Quando silenciou corpo e pranto, ergueu-se, rumo à cozinha.

Fechou janela e porta.

Ligou o gás.

Sentou-se no chão encardido, encostada no azulejo frio. Murmurava algo.

Sua última melodia, enquanto se esvaía pelos ladrilhos.

No outro cômodo, a partitura voava. Uma Fuga. Em lá menor.

## O Piano

Tarde chuvosa, nublada.

Os carregadores, dois homens rudes, esperam o aguaceiro passar, para colocarem o piano da senhora no caminhão. Enquanto isso, ela conta sua história.

– Eu era concertista, este era meu piano... – olha para cima, buscando lembranças – treinava por cinco horas a fio, todo dia. Escalas, acordes, oitavas, peças maravilhosas...

Os carregadores soltam grunhidos, assentindo.

Ela continua:

– Mamãe sempre sentava ao meu lado, na cadeira de espaldar alto. Me apoiava. Me corrigia... Ela me iniciou no piano.

Pausa. A chuva vai rareando.

Alheia, dá um meio sorriso, talvez a lembrar de algo. Volta a falar:

– Mamãe morreu faz pouco mais de dois meses... desde então, não consigo tocar sem cair no choro.

Olha para os homens, e diz, com voz alterada:

– Olhar para a cadeira vazia me dá arrepios...

Seu corpo treme.

– Já não toco mais. Acabou-se minha carreira de concertista.

A chuva para.

Os dois homens pedem licença; vão carregar o piano.

A mulher recua da porta, olha para o instrumento mais uma vez. Acaricia o tampo – um velho amigo – e deixa que o levem.

Lembra-se do piano chegando na casa nova, térrea, de largo quintal, tantos anos atrás... Ela tinha, talvez, dez anos. Olhava pelo vidro da grande porta frontal, quando avistou a caminhonete parar em frente a casa.

Correu a chamar a mãe, perdida nos fundos. No quintal.

Veio de lá de dentro a mulher. Secava as mãos num avental listrado, altiva. Perguntou se era o piano.

Ela – menina – acompanhava tudo pelo vidro, olhar curioso, mãozinhas se retorcendo na barra do vestido – pura excitação.

A mãe – rispida – pediu que abrisse as portas de vidro. Os homens não podiam ficar esperando!

A garota obedeceu instantaneamente. Instalado a um canto, o instrumento seria a partir de então a peça mais importante da sala.

A mãe aproximou-se do piano e acariciou o tampo do instrumento. A madeira fria, envernizada e brilhante aos olhos pareciam atraí-la. Sentou-se na banquetta, procurou a chave e o abriu. Executou uma música antiga, alegre. A menina que ela era foi chegando ao lado da mãe.

Um sem número de teclas de marfim e ébano lhe deram a ideia de que o piano sorria. Tocou uma nota – dom – e outras duas. Um suave arrepio lhe subiu pelo corpo – as notas ressoavam nele – como se conhecessem os caminhos para atizar a sua curiosidade.

Ao jantar, os pais fizeram planos para ela, indiferentes aos seus olhares curiosos e tentativas de participar da conversa dos adultos. Ela que se portasse e tudo correria maravilhosamente.

Os anos passaram.

Sua mãe lhe ensinou a tocar durante os primeiros anos. Ela não se recordava de sair muito à rua para brincar com outras crianças – não podia machucar sua mão.

As unhas deveriam estar sempre aparadas, para o dedo tocar adequadamente nas teclas. Sua postura, sempre ereta.

Suspirava. Sentava-se – então com um peso no meio do peito – em frente ao instrumento. Não ousava desafiar a mãe, marcando o ritmo com os pés, ao seu lado. Executava as escalas, exercícios e peças, enquanto a mulher lhe rezava ao ouvido a interpretação:

– Fooorte, pianíssimo, isso mesmo!

Já moça, tomava aulas no melhor conservatório da cidade.

Durante os intermináveis estudos em casa - a mãe impassível ao seu lado, com um sorriso de triunfo a cada seu acerto - seus olhos estacavam no desenho dos nós da madeira logo acima do teclado. Cada nó assemelhando-se a rostos de meninos negros, fitavam-na, inquisidores.

Eles sabiam de seu mais profundo segredo. Ela tocava com mais dedicação, com medo que ouvissem seus sussurros.

À mesa de jantar, nesta época, a mãe comunicou ao pai:

– Nossa filha será concertista, homem.

Ele estacou no meio da garfada, parou, olhou para ela – olhos azuis, que liam os seus – e lhe perguntou:

– É isto o que quer, minha filha?